

GAZETA D'ESPINHO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
AVENIDA SERPA PINTO, 272
ESPINHO

EDITOR
JOSÉ JOÃO FERREIRA

TYPOGRAPHIA FERREIRA
AVENIDA SERPA PINTO, 272
ESPINHO

A causa dos pescadores

E' d'este theor a representação, que a classe piscatoria d'Espinho dirigiu a Sua Magestade El-Rei, sobre a questão das armações:

Senhor:

Os pescadores d'Espinho e Paramos, associando justificada preocupação aos clamores da classe piscatoria do paiz, veem ante Vossa Magestade, muito respeitosamente, pedir justiça e expôr a angustiosa situação, a que estão reduzidos.

As armações de pesca, estabelecidas ao norte de Leixões, crearam a pavorosa crise, que ameaça render pela fome milhares de famílias, annullando-lhes o recurso de modesto e difficil trabalho. As armações á valenciana, Senhor, são a causa, bem constatada da escacez da pesca em varios pontos do littoral: emalham toda a casta de peixe, inutilizam a procreação, envolvendo, discricionariamente, innumeras especies em estado precoce de desenvolvimento.

Posto barateiem, agora, o mercado, contribuem, aliás como factor ponderavel para um déficit previsto, que ha-de affectar a breve trecho, fatalmente, a economia nacional.

Nem as armações se legitimam como systema racional da arte de pesca; tampouco se concebem as immundades de que gosam taes empresas, por quanto, para cumulo de desgraça, operam transacções em desleal concorrência de horarios e preços, com manifesto detrimento da industria propriamente maritima.

Senhor! A pesca costeira pelas redes de arrasto e a pesca do mar alto são já seculares no nosso paiz. A experiencia e o parecer dos competentes conjugam-se para afirmar, de modo categorico, o racionalismo do processo e a damnosa prática das armações. Estas e os vapores d'arrasto determinaram a carestia de muito peixe, outr'ora vulgar e abundante nas costas portuguezas.

Urge, pois, prohibir esses processos anormais, refractarios e attentatorios da arte da pesca, ou regular-lhes a esphera d'acção para prover, de momento, á crise de fome, em que definha a classe piscatoria, para evitar, de futuro, que se extinga uma industria nativa, paralyndo milhares de braços, exaurindo uma das melhores fontes da riqueza nacional.

Os maritimos, confiados na justiça da propria causa que defen-

dem e appellando para a suprema interferencia de Vossa Magestade, como augusto chefe da nação, impetram e solicitam a graça de os ouvir e attender.

Pois que a voz da razão, os dictames da consciencia e a lei da fome são que dictam, convictamente, as justissimas reclamações que osam formular—veem os peticionarios, humildemente, depôr nas mãos de Vossa Magestade, a sua humanitaria pretensão.

E. R. M.

(sequem-se as assignataras).

Carta de Lisboa

Lisboa, 8

Lisboa diverte-se. Depois das festas do rei de Inglaterra, que chamaram á capital, milhares de forasteiros, veio uma companhia lyrica para o vasto e amplo Colyseu dos Recreios, uma companhia de declamação, onde figurava como primeiro actor Coquelin, *ainé*, e temos agora duas zarzuolas, compostas dos melhores artistas de Madrid e destinadas para os theatros de D. Amelia e Trindade. Parece que estamos em uma cidade onde ha muito dinheiro e muitos desejos de o gastar em divertimentos. Os empresarios tiram fartos lucros das suas empresas, ás vezes bastante audaciosas, mas quasi sempre coroadas de bom exito. Estamos todos os dias a ouvir que atravessamos uma crise terrivel, que Lisboa não pôde supportar tantos impostos, que a vida é tão cara ou mais ainda que nos grandes centros como Madrid, Paris e Londres, mas os factos desmentem as palavras.

O theatros enchem-se, d'onde se depreheende que, tanto no jornalismo, como nas camaras, este phantasma—a crise—serve unica e exclusivamente como thema para discursos rhetoricos e bombasticos.

A companhia franceza que deu oito espectaculos em D. Amelia, veio corroborar a nossa convicção de que alguns dos nossos actores são superiores aos que veem de fóra, precedidos de grande fama e brilhante reputação. A não ser Coquelin *ainé*, que é incontestavelmente um artista de extraordinario valor, os outros deixam muito a desejar. Temos no nosso paiz quem se lhes avante em merecimentos. Coquelin *cadet*, secretario da Comédie Française, não correspondeu á expectativa, nem ao logar eminente que occupa no primeiro theatre da França. Distingue-se apenas nos monologos. Exceptuando Coquelin *ainé*,

os actores que o empresario nos apresentou, em réclames pomposos, não conseguiram empanar a gloria de alguns dos nossos. Mas é costume da terra festejar, applaudir e admirar os artistas que veem de fóra, embora sem valor real, e desdenhar dos nossos.

—Esteve em Lisboa uma commissão de pescadores do norte que veio pedir ao governo providencias contra o emprego das rédes valencianas. O pedido é justo e seria d'uma revoltante iniquidade que não fosse attendido. Não pôde consentir-se que meia duzia de ambiciosos esteja a ganhar sommas fabulosas á custa das lagrimas de tantos desgraçados. Os pescadores queixam-se de que as rédes matam a creação e de que, por este facto, as nossas costas estão quasi despovoadas.

E' isto uma verdade incontestavel. As rédes valencianas servem apenas para enriquecer alguns especuladores que obtiveram do governo a concessão por meio de influencias politicas. Os pescadores que gemam, que sofram, que morram de fome, enquanto os taes senhores se divertem e dividem entre si avultadas quantias. Esta situação é verdadeiramente intoleravel e cumpre ao governo acudir-lhe com remedio prompto e efficaz.

Empobrecer uma classe numerosa e inutilizar-lhe os meiz de trabalho, reduzindo-a á miseria para alimentar a ambição de meia duzia de gananciosos, chega a ser um crime.

Agora que o governo está tratando d'este assumpto, é occasião de pôr cobro a taes escandalos, publicando regulamentos que obstem ao emprego das redes valencianas nas nossas costas, deferindo d'esta maneira ás reclamações d'uma classe que merece pelo seu trabalho rude e arriscado, pelos perigos que arrosta, pelas difficuldades com que lucha, todas as sympathias e consideração.

E com os regulamentos que venha uma fiscalisação severa, e cohibindo abusos, não consentindo que se illudam e sophismem as disposições da lei. Confiamos do governo das camaras e das comissões que têm de dar parecer sobre esta questão, que as reclamações ou melhor, as supplicas dos desventurados pescadores serão attendidas.

Manoel Pereira Granja

De regresso de S. Paulo, Republica do Brazil, chegou no ultimo domingo a este concelho, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinho, o nosso querido amigo snr. Manoel Pereira Granja, respeitavel capitalista.

Apesar da noite invernososa, á hora da chegada do rapido, cerca das 11 horas da noite, a *gare* do caminho de ferro via-se cheia d'amigos do sympathico viajante, que anciosamente era esperado por todos.

Aquelle nosso presado e dilecto amigo teve mais uma vez occasião de avaliar como é grande e sincera a estima de que gosa n'este concelho, onde as suas nobres qualidades de character e coração são devidamente avaliadas.

Entre outras pessoas, lembranos ter visto na *gare* as seguintes: Dr. Pinto Coelho, José Antonio Pires de Rezende, José Francisco Coelho, Antonio dos Santos Pouzada, Montenegro dos Santos, Pinto de Souza, José Carvalho, Manoel Francisco de Castro, Silva Guetim, Albano Menéres, Manoel Alves da Silva, João Francisco Pina, etc., etc.

O Protesto da Classe Piscatoria

Por ser da maxima importancia e ter toda a actualidade, recortamos com a devida venia do nosso presado collega «O Dia», o seguinte:

OS PESCADORES

As suas reclamações—As armações valencianas—A miseria—Numeros e factos—Desprotegidos—Ouçam os pobres!

Procurou-nos hontem, n'esta redacção, uma commissão de pescadores, que vem representar ao governo contra as armações valencianas, estabelecidas ao norte de Leixões. Esta pobre gente pede o seguinte:

- 1.º—Que a sardinha miuda, com menos de 15 centimetros, pescada nas armações, não seja trazida para a terra e posta á venda;
- 2.º—Que as vendas sejam feitas de sol a sol;
- 3.º—Que se não concedam licenças para se lançarem mais armações no mar, ao norte de Leixões;
- 4.º—Que seja fiscalisada a malha das armações, verificando-se que, depois d'alcatroada, tenha a medida legal.

Era curioso o bando que nos entrou pela porta dentro. Gente rude e simples, morena, barbas côr d'alga, olhos azues. Vinham poveiros, pescadores de Mattosinhos, homens da Afurada e d'An-

cora—que vivem do mar e que, á custa de perigos immensos e de trabalhos rudes e herculeos, sustentam milhares de familias. Sabem os leitores quanto se calcula que rende a industria da pesca em Portugal? Cinco mil contos! N'estes trabalhos, empregam-se 8.750 embarcações e perto de 40 mil homens. E' a gente mais desprotegida do nosso paiz. O governo, que nada lhes dá—porque o mar só pertence a Deus—exige-lhes, por intermedio do fisco, uma quota parte das suas pescarias. Não os ensina, pois que muito poucos sabem lêr. Não se aproveitam os pescadores das suas estradas nem das leis que desconhecem; no mar alto e largo, sob o céu immenso, elles contam apenas comigo, com o barco e Deus.

Por outro lado o Estado tinha n'esses homens e n'a profissão uma excellente, admiravel e gratuita escola de rinhagem—completamente preza. Peor: antiqua-a. Já ver como e porque... Os ros são mais eloquentes nossa prosa e que toda a re- ca que podessemos dispende-

Havia ainda não ha muitos nos em cada uma das povoações da nossa costa um certo numero de lanchas, que iam pescar no mar alto. Eram os homens da Povoia enormes, broncos, infatigaveis, os da Foz, gente aberta, fina, tostada de sol, os de Ovar, os de Paramos que pescam em grandes companhas e com enormes redes, puxadas a bois, os de Valbom, que vivem no interior e descem o Douro nas suas pesadas lanchas, ora lavradores ora pescadores, conforme calha, os da Torreira e Furadouro e tantos outros que não vale a pena enumerar n'um simples e corridio artigo. Esta rude gente sustentava-se do peixe que arrancava ao oceano, vivia e morria no mar, sem outra protecção senão o seu esforço. Veio um dia o homem rico e decidiu-se a matar á fome os pobres. Dentro em poucos annos os vapores do peixe e as redes d'arrasto dizimaram a creação, afungentaram a pescaria, reduziram á miseria milhares de familias. Os clamores dos esfaimados não chegaram—não chegam nunca ao Terreiro do Paço.

Ahi vão agora os numeros: Em Ancora haviam antigamente 11 lanchas—hoje restam 3, que não trabalham por falta de pesca;

Na Povoia, 60 lanchas—hoje existem 15;

Em Mattosinhos 3—hoje não ha nenhuma;

Na Foz do Douro 8 das quaes não resta tambem nenhuma;

Na Afurada 6. Acabaram.

Em Valbom 9, reduzidas presentemente a 3.

Camara Municipal

(Sessão de 7 de abril de 1903)

Reuniu na ultima quinta-feira, a camara municipal d'Espinho, sob a presidencia do sr. dr. Pinto Coelho, estando presentes os vereadores snrs. Pires de Rezende, Alexandre Brandão, João Gueitim e A. Salvador Junior. Tambem esteve presente o sr. administrador do concelho.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Além do expediente de pequena importancia, foi lido um officio do municipio de S. Pedro do Sul, pedindo que a camara intervenha no sentido de ser promovida a construcção do Caminho de Ferro do Valle do Vouga. Resolveu-se tomar o pedido na devida consideração.

O Presidente, lembrando que tinha terminado o praso do concurso para o fornecimento exclusivo da illuminação publica da praia, alvitra que, precedendo consulta, a camara resolveu fazer a adjudicação particular, na conformidade da lei. Assim se delibrou.

Foi posta em discussão a communicacão apresentada, na ultima sessão, pelo sr. Salvador Junior.

Essa communicacão é do theor seguinte: Tendo o ex.^{mo} sr. Alexandre Brandão comprado ao ex.^{mo} sr. dr. Manuel Augusto Corrêa Bandeira, metade da parte que a este sr. pertencia na mina do sul d'este concelho, na rua de Cambôs, conforme a escriptura lavrada nas notas do notario sr. Montenegro dos Santos, em 24 de maio de 1902, com a obrigacão de que os reparos a fazer ficariam á conta do comprador e tendo este sr. vereador proposto a canalisação das aguas da referida mina na sessão de 16 d'abril, faço esta communicacão á camara para os effectos do art. 2.^o do codigo administrativo.

O sr. Alexandre Brandão diz que, pela deferencia que lhe merecem os seus collegas (menos o sr. Salvador) tem simplesmente a declarar: que não celebrou contracto algum com a camara; fez, é certo, um contracto com o ex.^{mo} sr. dr. Bandeira a respeito da parte da agua que áquella senhor pertence; se a camara alguma coisa tem a exigir de despezas na mina ou canalisação, deve dirigir-se ao sr. dr. Bandeira com quem a camara da Feira estabeleceu o primitivo contracto; áquella sr. e não a camara é que elle vereador terá a dar satisfações, em virtude do pacto entre os dois celebrado. Lamenta simplesmente que o sr. Salvador Junior traga para a camara uma questão meramente particular.

O Presidente esclarece: que a primitiva auctorisação para canalisar em ferro as aguas d'Espinho remonta á data de 7 de janeiro de 1902 e que esta auctorisação se tornou definitiva 40 dias depois. O material adquirido em virtude d'aquella deliberação, foi utilizado na canalisação da mina do norte e ainda o excedente na mina do sul, na parte commum á camara ao ex.^{mo} sr. dr. Bandeira. Tudo isto foi feito antes de se ter celebrado qualquer escriptura entre o ex.^{mo} sr. dr. Bandeira e o sr. Alexandre Brandão (24 de maio de 1902).

Após uma larga exposiçao, o presidente remata dizendo que a auctorisação proposta e votada em 16 d'abril de 1903 se refere claramente, á canalisação propria da camara.

Trocadas explicações sobre o assumpto e declarando o sr. Salvador Junior dar-se por satis-

feito, o presidente convida a retirar o reparo contido na communicacão.

O sr. Salvador diz que deseja que a discussão conste das actas e recusa-se a retirar a doutrina da communicacão.

O Presidente extranhando a incoherencia do sr. Salvador, propõe, sendo approvado—que a camara regeite a observação do sr. Salvador, porquanto foi repeteada a lettra da lei.

E assim ficou liquidado o incidente.

Foram auctorisadas diversas ordens de pagamento e logo levantada a sessão.

Os nossos pescadores

Na terça-feira partiu, no comboyo correio da noite, para Lisboa, a commissão delegada da classe piscatoria d'Espinho, que era portadora da representacão que hoje publicamos em outro local do nosso jornal. A sua partida viam-se na estação do caminho de ferro cerca de mil pessoas, que entusiasticamente saudavam os commissarios.

Foram levantados entusiasticos vivas a El-Rei, e aos snrs. Manoel Pinto d'Almeida; Dr. Eduardo Pinho d'Almeida; Dr. Pinto Coelho; Conselheiros José Luciano e José d'Alpoim; ministro da marinha, Pires de Rezende, chefe do partido progressista d'Espinho; ministro das Obras Publicas; Alexandre Brandão; Montenegro dos Santos; pescadores d'Espinho, Mattosinhos, Pova, etc.

A commissão de Espinho, juntamente com os delegados dos seus collegas d'outras localidades, logo que chegou a Lisboa procurou os nossos distinctos amigos snrs. Manoel Pinto d'Almeida, antigo deputado do circulo, e Dr. Eduardo Pinho d'Almeida, os quaes, com a bondade que os caracteriza, immediatamente se pozeam á sua disposiçao a acompanharem os até junto do illustre chefe do partido progressista sr. Conselheiro José Luciano, que por sua vez conferenciou immediatamente com o chefe do governo, conseguindo d'este que El-Rei recebesse a commissão na quinta-feira passada.

O insigne parlamentar sr. Conselheiro José d'Alpoim pôz tambem o seu alto valimento em favor das justas pretensões dos pescadores, que ouviu com toda a amabilidade e protegeu com toda a dedicaçao.

Os commissarios foram effectivamente recebidos na quinta-feira por El-Rei, que prometteu recomendar, com interesse, ao governo as reclamações que lhe foram presentes.

O sr. ministro da marinha tambem os recebeu, e, achando justas as reclamações, prometteu attendel-os.

O sr. Dr. Pinto Coelho, durante a estada dos pescadores na capital, recebia diariamente communicacão telegraphica de todos os trabalhos effectuados, dos quaes dava participacão aos collegas dos commissarios d'este concelho.

No comboyo correio das 9 e 45 da noite de sexta-feira ultima, regressou a commissão a Espinho. Na gare era aguarda-

nos dias de temporal, os velhos que vão para a costa amaldiçoar o mar, que já não lhes dá a fartura antiga...

Falla primeiro um. E' um rapaz forte, de olhar azul, buço loiro, casaco alvadio:

—As armações, senhor, não só matam a creação, mas não deixam navegar. Estorvam-nos. Prende-se o leme aos cabos, em risco de se virar o barco... Vem o mau tempo, a gente bordeja para entrar na bacia de Leixões e é difficil e perigoso... Ainda ha dias duas lanchas poveiras estiveram em perigo.

—Mas como concedeu o governo licença ás armações?

—Os ricos podem tudo. E depois os proprietarios pagaram a alguns pescadores para assignarem um papel... Hoje lá estão empregados nas armações.

—Vamos por partes. Quantos barcos de sardinha ha em Ancora?

—Ha 50, que empregam pouco mais ou menos duzentos homens. Na Pova ha 400, tripulado cada um por vinte homens; em Mattosinhos 150, com uma tripulacão de 5 a 6 homens cada um; na Foz, 30; no Ouro, 20; na Afurada, 50; em Valbom, 50. Em Espinho ha 6 companhias, cada uma com cincoenta homens e empregando 28 juntas de bois... Em Paramos 4 companhias, em Ovar 6, na Torreira e Furadouro 6 a 7 e no resto da costa pra ahí 10... A pesca alli faz-se d'outra maneira, em grandes barcas e em redes puxadas por bois. Cada companhia d'estas precisa, para não perder, de fazer dez contos de réis por anno. Ora n'estes dois ultimos annos não chegaram a tirar seis contos... Desde que se levantaram as armações a sardinha tem pouco a pouco escasseado.

—Então em Mattosinhos?

—Em Mattosinhos cada barco fazia em média um conto. Anno passado não tiramos trezentos mil réis... Isto para os poveiros ainda faz maior differença... Um barco rendia quatro contos, hoje nem lhes vale ir ao mar.

—Então se as armações continuarem...

—E' a miseria. Cada homem empregado nos barcos dá de comer a muita familia. Ha casas com quinze pessoas que se sustentam com os nossos braços.

Até á pesca do mexoalho as armações teem feito mal.

—Mas porquê?

—Porquê?... Antigamente a gente da Afurada fazia em cada safara de mexoalho 120 contos, hoje nem 20...

—Então as armações impedem a pesca do caranguejo miudo?

—Sim, senhor. Os barcos já não podem ir ao sitio do mexoalho.

E um homem mais velho, bronzeo e forte, diz do lado, baixinho:

—E' a fome, senhor, é a fome...

—E continua—Além d'isso elles podem vender a toda a hora, e a gente não...

—Não, porque?

—Porque somos pobres... Elles lá pagaram uma licença, não sei o quê... A gente o que reclama é simples: é o pão de cada dia... Aqui tem o senhor este pedaço de rede valenciana. Ora veja...

E mostra-nos um bocicado de malha, tão embebido d'alcatrão, que forma um tecido compacto e espesso.

—Vê... Devia ter 14 millímetros, medida no vivo, por dentro. Não tem 2. E como a rede está no mar muito tempo o limo tapava ainda mais ficando como lona... As nossas não: são lavadas sem-

pre que vimos a terra e encasca-das... E' a fome, senhor...

E lá saem em fila, uns já velhos, com annos de perigo, tendo decerto visto muitas vezes a morte, outros ainda moços, ruivos e fortes, todos com familia, filhas a sustentar, bocças que pedem pão e sustento, que o mar—que até ha pouco era d'elles e de Deus e que é agora da firma Coisa & C.; em commandita—lhes recusa...

Simples, corrente, logico era acabar, com as armações. Não se comprehende, nem se explica a protecção a meia duzia de individuos, desde que ella traga a fome a centenas de bocças. Canalisar a riqueza para seis bolsas e tirar o pão a muitas familias—é, além de estúpido, cruel. De mais as armações matam a creação: isto é, dentro em poucos annos, como está succedendo actualmente em França, não apparecerá a sardinha nas nossas costas o que é, evidentemente uma ruina. Com os bateis, tripulados em geral por seis homens, com outras tantas rédes, a destruição não ia além d'uma certa medida; com as armações a mortandade, antes da desova, acarreta evidentemente a fuga da sardinha, que emigrará para outras praias. Resultado fatal: seis homens mais ricos—centenas de familias sem pão, mais emigrantes e a inutilisação—institamos n'este ponto—d'uma excellente escola de marinheiros gratuita. Em França, um paiz rico, o estado está sustentando os pescadores da Bretanha,—em Protugal deixal-os-ha decerto acabar na mais negra das miserias. De mais a mais o pescador, não se accomoda facilmente a outra profissão: só sabe lidar com o mar, que o sustenta, cria e mata n'um dia de temporal. Atraz d'estes homens estão milhares de creaturas desprotegidas, mulheres e creanças, uma massa trabalhadora, obscura e rude. Ouçam-os. Atravez das suas vozes, escutem os clamores d'uma immensa multidão, que se sente proxima da fome. E se não querem, ou não podem, ou não lhes convem, acabar com as armações, façam ao menos o que elles pedem que é bem pouco, bem justo e bem simples.

Logar a quem trabalha na humildade e na pobreza!

A NOSSA CARTEIRA

Tem passado ligeiramente incommodado de saude o nosso dilecto amigo sr. dr. Bessa de Carvalho.

Oxalá que se restabeleça em breve.

—Acompanhado de sua ex.^{ma} familia tem estado em Espinho o digno capitão de infantaria 24 sr. David Rocha.

—Esteve em Espinho o sr. João Nunes, de Villar de Paraiço.

—Regressou da Foz do Douro, acompanhado de sua ex.^{ma} familia, o nosso presado amigo sr. Julio Canedo.

—De regresso de Madrid já se encontra na sua casa d'este concelho o nosso amigo sr. J. Ramos, distincto cirurgião dentista.

—Está restabelecido dos seus incommodos de saude o nosso amigo sr. Carlos de Mendonça. Estimamos sinceramente.

O mesmo acontece em todas as pequenas povoações de pescadores da norte de paiz. As redes de arrastar, empregadas pelos vapores de pesca—exploração de companhias, e gente rica—destruíram os fundos proprios á desova, trucidaram, mataram, afugentaram a pescada enorme de dorso ganancia, o ruivo dourado e vermelho, as variedades da nossa costa. O peixe miudo colhido no sacco immenso era muitas vezes, tão pequeno e inutil, que a tripulacão dos vapores, se via obrigada a lançal-o, aos montões no mar. Já ia morto. Houve protestos, pedidos. Ninguem os attendeu—e dentro em pouco os pescadores, para não morrerem á fome, ou emigravam, ou procuravam outra profissão que os sustentasse.

Hoje o caso é identico. E' ainda o mar distribuida a gente rica, que o explora estupidamente, n'uma sêde soffrega de ganancia, em prejuizo d'uma classe laboriosa e simples, que devia merecer ao Estado outra protecção. E' o rico que paga a soldada, tem dinheiro para afugentar e matar a concorrência. Arrecada e gosa.

Os outros trabalham e penam. Elle não vai ao mar, não corre perigos; o dinheiro rende-lhe. Que importa que desapareçam os pequenos barcos e as familias pobres tenham fome? Elle ganha, incha, trasborda. Vamos ao caso.

Ha dois annos, cremos nós, formaram-se companhias para a exploração de armações valencianas ao norte de Leixões. São enormes redes de malha miuda e sacco, aparelhos fixos no fundo do mar por ancorotes, e dispostas de forma que apanham na sua rede toda a sardinha. Ha ali cinco armações. Ahí vão os nomes dos donos: Affonso de Rocha, Rocha Rumina, Canovas e Guerra & C.

A sardinha em certa época do anno, procura a costa para desovar. Apparece a grande rede, miuda e compacta, como grande rolo de prata desfeita em bilhões de particulas, quasi cobrindo o mar,—e logo o oceano se enche de pequeninas velas, de centenas de embarcações, lanchas e bateis. Um movimento desusado surge em toda a costa. Veem os almocreves do interior, alastra-se o areal de sardinha e ha dias em que é tanta, que se dá. Toma-a quem quer.

O peixe segue sempre a mesma estrada, procura ha milhares d'annos talvez os mesmos poisos—e n'essa estrada, exactamente no melhor ponto, perto da costa, que a sardinha prefere, collocaram-se as armações. O peixe entra, passa por varios compartimentos—e mesmo antes da desova—é apanhado e vendido pelos felizes proprietarios, meia duzia d'homens que augmentam a sua fortuna á custa do soffrimento alheio. Peor: a malha ha-de ter por lei uma certa medida, 14 millímetros. Pois estes cavalheiros, segundo a queixa dos pescadores, illudem a lei, engrossando a malha com alcatrão, não chegando assim a ter 2 millímetros.

Mas melhor será ouvirmos da propria bocca dos pescadores a curiosa narraçao. Todos elles querem falar ao mesmo tempo, expôr a sua miseria e as suas queixas. Alguns torcem os chapus nas mãos callosas. Um tem lagrimas nos olhos ao fallar dos seus—e, atravez das suas palavras, nós estamos vendo as pobres mulheres, infatigaveis, vestidas de escuro,—com uma existencia de dôres e de lagrimas—a filharada sem pão, o torvellinho colerico do oceano que os traga

da por toda a classe piscatoria d'este concelho, por uma parte da camara e muitas outras pessoas. Mal o comboyo passou, foram erguidos entusiasticos vivas aos snrs. Conselheiros José Luciano e José d'Alpoim, Dr. Pinto Coelho, Camara d'Espinho, Manoel Pinto d'Almeida, Dr. Eduardo Pinho d'Almeida, familia real, ministros da marinha, obras publicas, etc.

A commissão vem penhoradissima pela fórma como foi recebida na capital, e pede-nos para sermos interpretes d'essa gratidão para com os snrs. Conselheiros José Luciano, José d'Alpoim, Manoel Pinto d'Almeida e Dr. Eduardo Pinho d'Almeida.

Os pescadores de Mattosinhos fundaram uma associação de classe, mas teem luctado com muitas difficuldades para obterem a approvação dos respectivos estatutos.

Em telegramma do dia 7, pelo nosso querido amigo snr. Dr. Eduardo Pinho d'Almeida, foi, porém, participada ao nosso amigo Montenegro dos Santos, notario d'este concelho, ter o snr. ministro das obras publicas recebido uma commissão dos pescadores d'aquelle concelho e, a seu pedido, telegraphado ao snr. governador civil do Porto para que s. ex.^a informe com a brevidade possivel o projecto dos referidos estatutos.

Pelo snr. Montenegro dos Santos, que a pedido da classe piscatoria, tem tratado d'este assumpto, foi participada a boa nova para Mattosinhos, onde é grande o regosijo pela deliberação do snr. ministro das obras publicas.

Resta agora que os promettimentos feitos á honrada e briosa classe piscatoria se traduzam em factos como esperamos.

Logo que partiu o comboyo, os manifestantes em numero superior a mil, acompanharam até casa o snr. Dr. Pinto Coelho, presidente da camara, a quem fizeram uma delirante manifestação de sympathia. O snr. Dr. Pinto Coelho agradeceu as aclamações e levantou vivas aos snrs. Dr. Pinho d'Almeida, Manoel Pinto d'Almeida, deputados do circulo, conselheiros José Luciano e Alpoim e á classe piscatoria.

CORRESPONDENCIAS

Silvalde, 5 de maio

Com a publicação do accordo que julgou as contas d'esta parochia respeitantes á gerencia de 1901, todos julgaram liquidadas as questões com aquelles gerentes e finda a briga entre a corporação que sabiu e a que entrou.

Pois ainda não! A lucta vae continuar com um dos vogaes da Junta velha. Historiemos:

Aquella Junta arrematou em 25 de fevereiro de 1900 o aforamento de 19 glebas de terreno na Marinha.

Appareceu na praça o snr. José Rodrigues da Silva, o Bravo, de Silvalde, e arrematou o aforamento das glebas n.ºs 2, 5 e 6, que lhe foram adjudicadas.

Pouco tempo depois, no terreno constante das glebas n.ºs 5 e 6, que são unidas, edificava-se um barracão de madeira

por conta de uma commissão de subditos britannicos que costumam vir á Marinha entreter-se no exercicio dos seus jogos favoritos. Soube-se então que estes inglezes arrendaram aquellas glebas por 5 annos, e é claro que o preço d'este arrendamento tem sido pago com pontualidade britannica.

Ora o cofre da Junta está sem o fóro desde 1901 inclusivé e convidado o snr. Rodrigues da Silva a regularisar o auto d'arrematação (que não está legal) e as suas contas com a Junta, respondeu que embora fosse elle o arrematante d'esses fóros, nada tinha com os terrenos, porque apenas prestára um serviço ao snr. Antonio Pinto Fernandes da Cruz, que pretendia esses terrenos, e como vogal da Junta, que então era, os não podia arrematar, arrematando-os por isso elle Silva, para lh'os entregar, como de facto logo fez.

Um jogo d'empurra com que se pretende prejudicar a Junta que está sem os fóros, embora haja quem se tenha abotoado com o producto do arrendamento.

A Junta que pretende não ser desagradavel aos inglezes, arrendatarios d'aquellas glebas, procura, salvaguardando os interesses e direitos da parochia, liquidar esta questão que parece um pouco embrulhada entre os snrs. Fernandes da Cruz e Rodrigues da Silva, e para esse fim já deu principio a esta tarefa. Em seu poder está já uma carta de Sir Warre, um dos arrendatarios das glebas, bastante illucidativa, e parece que este senhor está disposto a trabalhar de accordo com a Junta para se apurar esta trapalhada e chamar o seu auctor ou auctores á responsabilidade do acto que praticaram e que vae ser levado ao tribunal.

Houve alguém que, para pôr a salvo a responsabilidade que lhe pôde caber, procurou o thesoureiro da Junta transacta, e pediu-lhe que lhe assignasse um recibo, comprovativo de que o fóro d'aquellas glebas dera entrada no cofre da Junta em 1901, mas aquelle individuo, prevenido já por alguém que previa os acontecimentos, não cahiu no logro de assignar um documento que não era verdadeiro.

Imaginem em que situação ficava o thesoureiro depois de não se descrever, nas contas de 1901, quantia alguma arrecadada de foros vencidos n'esse anno, se apparecesse agora um recibo provando que aquelle fóro havia sido pago!!!

Ficamos hoje por aqui. Não me parece conveniente ir mais além. Temos tempo.

—Vae ser arrematada no dia 31 do corrente a obra de pedreiro para a construção da nova capella mór da igreja matriz.

A base da licitação é de 682\$455 réis. Deve descer muito, porque o orçamento, segundo nos informam, está muito largo.

—Tem chovido muito. Os lavradores já pedem sol.

ANNUNCIOS

Junta de Parochia de Silvalde

ARREMATÇÃO

A Junta de Parochia de Silvalde faz publico que no

dia 31 do corrente, por 11 horas da manhã, se ha-de proceder na sala das sessões da mesma Junta á arrematação das obras de pedreiro para a construção da capella-mór da Igreja parochial, na conformidade com a planta, medições, condições geraes e caderno d'encargos que servem de base á arrematação e se encontram patentes aos interessados, todos os dias na Residencia Parochial.

Sala das sessões da Junta da Parochia de Silvalde, 3 de maio de 1903.

O Presidente da Junta,
Padre Celestino Pinto Ferreira.

EDITAL

Joaquim Pinto Coelho,
presidente da Camara Municipal do concelho de Espinho, etc.

Faço saber que no dia vinte e dois de maio corrente por duas horas da tarde, nos Paços d'este concelho e perante a camara, se ha-de effectuar a arrematação do balastramento de parte da rua Nova de Camões, sendo a base de licitação noventa reis o metro quadrado, com a espessura de vinte e cinco centímetros depois de bem cylindrado e devendo a totalidade da empreitada ser inferior a 100\$000 réis.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei passar este e outros d'egual theor que serão affixados nos logares do costume.

Secretaria da Camara Municipal d'Espinho, 1 de maio de 1903.

O Presidente,
Joaquim Pinto Coelho

Ao Commercio

Manoel Luiz d'Oliveira Costa previne todos os seus amigos e freguezes que mudou a sua loja de chá e café e mercearia para a mesma rua de Bandeira Coelho n.º 129, (junto ao deposito de tabacos).

Escripção commercial

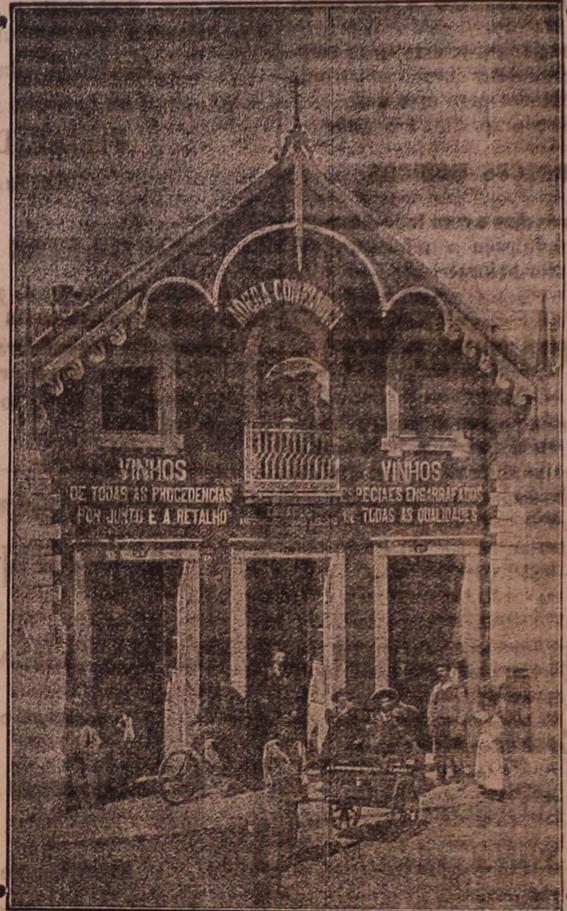
José João Ferreira, encarrega-se da escripta de qualquer casa commercial d'esta localidade, por uma mensalidade relativamente modica.

AQUECIMENTO MODERNO

Pelo vapor
(A baixa pressão)
H. HAMELLE
Limpeza-Higiene-Economia-Segurança
(Sem poeiras nem gazes deleterios e sem perigo de incendio)
Projectos e orçamentos gratuitos
(Engenheiros)

69, Rua Nova do Almada, 69, 1.º LISBOA

ARMAZEM DE VINHOS
ADEGA CONFIANÇA



ANTONIO DE PINHO LIBORIO

Rua do Progresso n.º 20 a. 22

ESPECIALIDADE

Em vinhos por junto e a retalho

Deposito de Vinhos da Associação Vinica DA BAIRRADA

O delicioso vinho gazozo, secco a 150 réis cada meia garrafa.
Dito, sobrezeza a 160 réis cada meia garrafa.
Palhete gazozo secco, a 140 réis cada meia garrafa, 260 a garrafa inteira.
Estrella da Bairrada, branco, e Especial da Bairrada, tinto Aramon. Bairrada, Clarete, Palhete, e todas as marcas de vinhos d'esta importantissima Associação.
Vinho espumante (Champagne) Secco, Supra, Excelsior Reserva, Quinta do Praso e Extra Dri.

RUA DO CRUZEIRO, 19 (porta larga)

Ao Leão d'Ouro



Ao Leão d'Ouro

Esta casa, assim hoje denominada e antes a bem conhecida como estabelecimento ou Loja do Porto com permanencia aqui desde 1877, encontra-se ampliada, com espaço e luz, sendo actualmente o maior e mais bem sortido estabelecimento de fazendas de lã, algodão e miudezas, e que vende em competencia com Lisboa e Porto por fazer quasi todas as suas compras directamente ás fabricas e a prompto pagamento. A seriedade e lizura que sempre presidem ás suas transações, dão perfeita garantia a todos os seus estimados freguezes e mais pessoas que a esta casa concorram para fazerem as suas compras.

Devolve-se a todos os compradores a importancia de qualquer artigo que provem ter encontrado mais barato. Dignem-se, pois, visitar esta casa a que darão sempre a preferencia.

Sequeira Lopes

Photographia Evaristo

Avenida Serpa Pinto em frente á Estação

Acaba de abrir este novo estabelecimento em casa construida expressamente para este fim. Ateliers de primeira ordem.

PREÇOS MODICOS

Todos os dias e com todo o tempo. Retratos desde a miniatura até ao tamanho natural.

VENDA D'UM PREDIO

Vende-se uma magnifica casa, nesta praia, construida ha 4 annos, com excellentes commodos, quintal e agua é situada na rua de Camões com o n.º 4.

Para tratar na rua do Progresso n.º 20—ESPINHO.

HOTEL E RESTAURANTE

DO **CAFÉ CHINEZ**

DE **José Fernandes do Lago**

Praia d'Espinho

Aberto todo o anno. Proximo á estação.

CAFÉ CENTRAL

abriu este estabelecimento, com café, bilhar e todos os artigos concernentes a casa d'esta ordem. **Rua de Bandeira Coelho, 47 a 51 José Barbosa**

a Padaria Progresso

DE **UGENIO TRIGO DE SOUZA**

Rua do Cruzeiro, 43 (em frente ao mercado)

Esta padaria está habilitada a servir os seus freguezes, com farinhas finissimas devidamente analysadas.

Especialidade em pão bijou.

LIBORIO & COELHO

Armazem de vinhos

AGUARDENTES

Rua Moreira da Cruz, 101 Villa Nova de Gaya

Escritorio ESPINHO

CAIXÕES FUNERARIOS

E FLORES ARTIFICIAES EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA Belmira de Sousa Reis

Alugam-se fatos para anjinhos e communhão—Preços modicos. **74, rua do Cruzeiro, 76—Espinho**

Bicycleta Peugeot

A MELHOR MARCA DO MUNDO!

Preferida por os principaes corredores de Portugal, snrs. José Maria Dionisio, Sebastião Herédia, Antonio Lopes, Antonio Real, etc., etc.

Garantida pela sua SOLIDEZ e RESISTENCIA

E' agente da casa Peugeot, a

FILIAL DA CASA LINO (Porto)

Enviem-se catalogos, gratis.

BICYCLETAS D'ALUGUER EM ESPINHO

A filial da Casa Lino, abrirá brevemente as suas duas casas de aluguer, com machinas novas «Peugeot» nas:

Rua de Bandeira Coelho (Baixos do Hotel Bragança) e **Avenida Serpa Pinto** (Em frente á Estação)

Encarregar-se-ha de toda a qualidade de concerto, para o que tem pessoal habilitado.

IMPrensa CIVILISAÇÃO

DE **VIUVA LEMOS & DIAS SIMÕES**

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

211, Rua de Passos Manoel, 219

PORTO.

Executam-se todos os trabalhos typographicos.

Armazem de sola e cabedaeas

Nacionaes e estrangeiros

Rua Vaz d'Oliveira, 145

Rua Bandeira Neiva, 108

ESPINHO

N'este estabelecimento, já bem conhecido n'esta praia, encontra-se um sortido completo de sola de diversas fabricas, cabedaeas nacionaes e estrangeiros, e todos os artigos concernentes á arte de sapateiro.

PREÇOS CONVIDATIVOS.

PHARMACIA CENTRAL

DE

ALBERTO DELGADO

PHARMACEUTICO

Telephone n.º 4504 (Rede do Porto)

Serviço permanente

43, 50, 52, **Rua Bandeira Coelho, 48, 50, 52**
118, 120, 122, **Rua do Norte, 118, 120, 122,—ESPINHO**

Productos chimicos e pharmaceuticos, aguas minero-medicinaes, perfumarias nacionaes e estrangeiras, fundas, suspensorios, irrigadores, seringas, algalias, mamadeiras, thermometros, pulverisadores, cintos e meias elasticas, etc., etc.

Aviam-se receitas da Associação de Soccorros Mutuos de Espinho

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º—LISBOA

IN ILLO TEMPORE

Lentes, estudantes e futricas

(Scenas da vida de Colmbra)

POR

TRINDADE COELHO

Um grosso volume de luxo

Preço 800 réls—pelo correlo 870 réls.



MERCEARIA ECONOMICA

DE

Adriano d'Oliveira Ramos

N'este estabelecimento encontram-se todos os generos de mercearia, de 1.ª qualidade, garantidos e por preços convidativos. Especialidade em vinhos finos engarrafados, vindos directamente do Alto Douro.

Largo de Nossa Senhora d'Ajuda

PRAIA DE ESPINHO

ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

Manoel Pereira Nunes Delgado



Premiado na Exposição Internacional do Porto de 1865 e na Exposição de Paris de 1867

31, RUA BANDEIRA COELHO, 35

5, RUA DO CRUZEIRO, 9—ESPINHO

Companhia de Seguros "A PORTUENSE,"

Seguros terrestres e maritimos

CAPITAL RÉIS 500:000\$000

E' agente d'esta Companhia nos concelhos de Espinho e Villa da Feira o ex.º snr. José Francisco Coelho.

A DIRECCÃO:

Jacinto A. Ferreira Furtado
José Antonio Silvano d'Araujo
José Machado Pinto Saraiva.

PHOTOGRAPHIA CENTRAL

DE

JOSÉ DE CARVALHO

Rua do Passeio Alegre, 29—ESPINHO

Com entrada pela rua da Graciosa

Tira retratos todos os dias e com todo o tempo, desde as 8 horas da manhã ás 6 da tarde. Garante-se a execução primorosa, semelhança, nitidez absoluta e modicidade de preços.

PHARMACIA REZENDE

TELEPHONE N.º 1502

LARGO DE NOSSA SENHORA D'AJUDA, 5

PRAIA D'ESPINHO

Aviam-se receitas a qualquer hora do dia e da noite, com o maximo escrupulo, asseio, promptidão e sob a direcção pessoal do proprietario da pharmacia.

Vendem-se especialidades pharmaceuticas, aguas mineraes, algalias, fundas, mamadeiras, etc., e todos os medicamentos de reconhecido valor therapeutico.

GAZETA D'ESPINHO

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Cada anno, em todo o reino 800 réls
Para as colonias e paizes estrangeiros accresce o porte do correio.

PUBLICAÇÕES

Annuncios e communicados—cada linha 40
Repetições 20
10 por cento de abatimentos aos snrs. assignantes.